

3 EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS: APOTEOSE

“É impossível resumir um Mundo — e resumí-lo ainda menos numa efémera galeria de alegorias, numa dúzia de frágeis construções animadas pelo passageiro fulgor duma centena de datas e de nomes. E esta Exposição não é mais do que uma Cidade de Ilusões.”

Augusto de Castro¹

Em 23 de junho de 1940, foi inaugurada oficialmente a Exposição do Mundo Português. A data prevista no Programa Oficial era 16 de junho. Um dia antes da abertura, o exército alemão de Adolf Hitler invadiu a França, que foi vencida e teve que assinar o armistício. Todavia a ênfase na justificativa para a mudança foi dada em razão do inverno rigoroso, que resultou no atraso das obras em alguns pavilhões, aparecendo, em segundo plano, o registro sobre os conflitos gerados pela segunda grande Guerra Mundial.

Durante a solenidade de inauguração, o Dr. Duarte Pacheco², Ministro das Obras Públicas, em seu discurso, registrou essa situação:

Erguer em escassos meses, com recursos diminutos — agravadas as dificuldades próprias do empreendimento com as que resultaram do conflito europeu e do inverno passado, excepcionalmente rigoroso e prolongado o quadro que os vossos olhos embevecidos vão, dentro de momentos, contemplar, pode parecer um milagre, e é sem duvida um êxito fulgurante.

Durante o ato solene, Augusto de Castro, Comissário Geral da Exposição, em seu discurso inaugural, exprimiu, com toda a sua emoção, o que significava a realização desse Certame que, segundo ele, era o apoteótico coroamento do Período Imperial das Festas Centenárias. E dizia:

Dentro de alguns minutos, o Senhor Presidente da República, alta encarnação do Civismo, expressão das mais lidimas virtudes pessoais e patrióticas, vai, em representação viva e ilustre da Unidade Nacional de Oito Séculos, inaugurar oficialmente a Exposição do Mundo Português — Cidade Simbólica da História de Portugal³.

¹ CASTRO, 1940a, p. 61.

² PACHECO, Duarte. Discurso de S. Ex^a o Ministro das Obras Publicas. *Boletim Geral das Colónias*. Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940. Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 180-182, 31 jan. 1941. p.180-181.

³ CASTRO, op. cit., p. 55. Neste capítulo, esta fonte fundamentará a exposição em alguns momentos, pois, nesta obra constam todos os discursos realizados nas inaugurações dos Pavilhões por Augusto de Castro, o Comissário Geral da Exposição. Ele se intitulava *prefaciador oficial do Certame*, em razão do cargo que exercia nas Comemorações Centenárias.

E, segue:

É a primeira vez que se realiza uma grande Exposição de História. É a primeira vez, no Mundo, que se expõe, em imagens e símbolos, uma civilização. Esta esplanada, que se estende numa área de algumas centenas de milhares de metros quadrados, à sombra da imensa asa de pedra dos Jerónimos, debruçada sobre esse ninho de águias que é o Tejo, é, mais do que um certame de Arte, um grande álbum de imagens⁴.

Essa “Cidade Simbólica” a que Augusto de Castro se referia estava concretizada no espaço arquitetônico erguido e no circuito expositivo que apresentava a história através de imagens. Na publicação editada durante a Exposição para orientar os visitantes, denominada de *Roteiro dos Pavilhões*, há breve explicação sobre o Certame, com as seguintes informações sobre a Cidade Simbólica:

A Exposição do Mundo Português está dividida em 4 grupos: Secção Histórica, constituída por 10 Pavilhões, a Casa de Santo António e um Bairro seiscentista — o Bairro Comercial e Industrial; Centro Regional, constituído por 6 pavilhões e um outeiro de aldeias portuguesas; Secção Colonial, constituída por um Jardim de evocação etnográfica e colorida das províncias ultramarinas, um pavilhão e a Selva; Secção de Diversos, constituída por restaurantes, 3 centros de informações, 2 cabines de som, parques de diversão, Espelho de água, Grande Lago, Pavilhão das Tele-comunicações, Pavilhões dos Portos e Caminhos de Ferro, Nau Portugal, etc.⁵

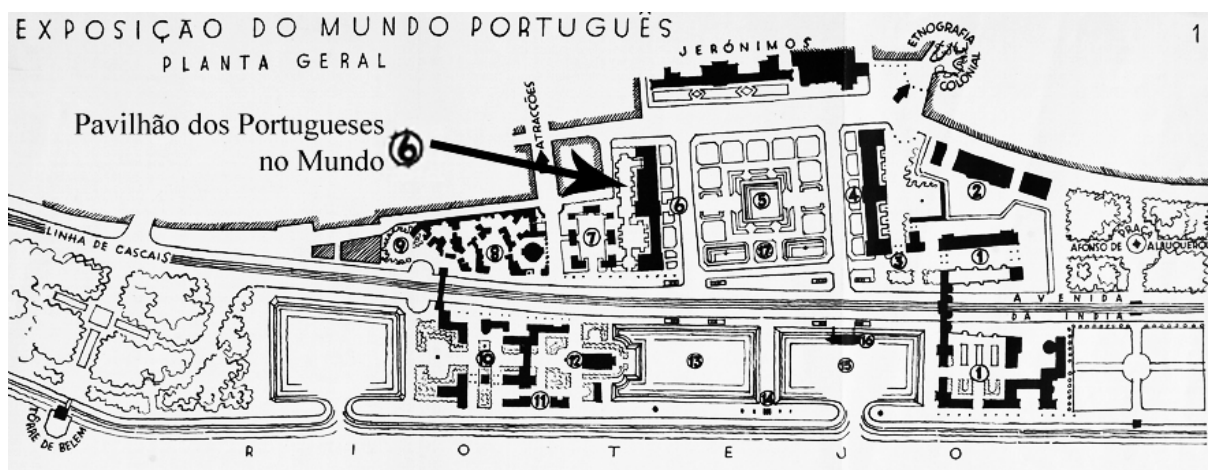


Foto 16 – Planta geral proposta para a Exposição do Mundo Português

⁴ CASTRO, 1940a, p. 55.

⁵ ROTEIRO dos Pavilhões (Descrição pormenorizada de seu conteúdo). Recordação da Exposição do Mundo Português. Comemorações Centenárias. Lisboa, 1940. (Biblioteca Nacional de Lisboa).



Foto 17 – Desdobrável da Exposição do Mundo Português distribuído aos visitantes que frequentaram o evento

Para construir a “Cidade Simbólica” foram necessários, além dos recursos financeiros, os recursos humanos. De acordo com o que está registrado sobre este assunto: “[...] a área da Exposição é de 560 mil metros quadrados; nela trabalharam durante 17 meses 5.000 operários, 15 engenheiros, 17 arquitectos, 43 pintores decoradores com 129 auxiliares e mais 1000 modeladores-estucadores sob a direcção de 7 chefes.”⁶ Podemos destacar as seguintes participações, responsáveis pela execução das construções e decorações de interiores dos Pavilhões: arquitectos Cottinelli Telmo, Raul Lino, Velloso Reis; os artistas Thomas de Mello (TOM), Fred Kradolfer, Canto da Maia, Estrela Faria, Eduardo Anahory; historiadores Manuel Murias, Leitão de Barros, dentre outros.

Na questão específica da participação dos arquitetos, em um artigo publicado cinquenta anos depois sobre os trabalhos arquitetônicos realizados para a Exposição do Mundo Português, é possível compreendermos o que representava para esses profissionais ter seus nomes vinculados a esse processo:

⁶ ROTEIRO..., 1940, p. 32.

Nela reflecte-se a maior aposta ideológica propagandística montada pelo Governo, a maior oportunidade de trabalho para muitos dos mais importantes arquitectos da época, de que resultou um conjunto de obras à beira Tejo que ainda hoje constitui uma referencia mítica obrigatória na nossa memória colectiva⁷.

Para Rui Afonso Santos⁸, o impacto dos Pavilhões decorreu do resultado das construções. Isto porque

[...] a eficácia do ecletismo arquitectónico utilizado, recorrendo à contemporaneidade de um modernismo mundano e pacífico “nacionalizado” através da heráldica monumentalista e da estilização historicista, servia com eficácia o poder e a ideologia do Estado Novo, assim esteticamente distinto dos regimes anteriores e, simultaneamente, iconologicamente fundado nas heranças históricas e heráldicas de um passado do mais ou menos longínquos [...]⁹.

Isso é possível ainda de ser verificado ao realizarmos uma visita informativa e visual à “Cidade das Ilusões”, em outra publicação, dentre tantas que foram lançadas no período, o chamado *Guia Oficial da Exposição do Mundo Português*¹⁰, uma brochura, com cinco dobras e impressão frente e verso, nas cores verde, vermelho, branco e azul, ilustrada com fotos de todos os Pavilhões e acompanhada de um texto descritivo. Na capa, há uma foto em baixo relevo¹¹ de um guerreiro com trajes medievais, que estava representado na Porta da Fundação, em número de quatro. Entre eles havia as datas “1140-1640-1940” e a inscrição “Exposição do Mundo Português”. Esses cavaleiros possuíam um escudo na mão esquerda e na mão direita uma espada da época, estando em suas costas uma muralha de castelo. Ao lado, existia ainda, um desenho de um cavaleiro medieval montado num cavalo branco em galope, empunhando um estandarte com a Cruz da Ordem de Cristo¹² estilizada. Este folheto, com informações sobre a Exposição e os Pavilhões que deveriam ser visitados, era distribuído gratuitamente.

⁷ PEDREIRINHO, José Manuel. 50 anos depois... A Exposição do Mundo Português de 1940. *Revista em Voga*, Lisboa, n. 2, Edição Semestral, p. 119-127, nov./abril. 1990. p. 119-127.

⁸ SANTOS, 1994.

⁹ Ibidem, p. 209.

¹⁰ GUIA Oficial da Exposição do Mundo Português. Lisboa, 1940. (Biblioteca Nacional de Lisboa).

¹¹ Forma de escultura em que as figuras quase não sobressaem do plano de fundo, formando apenas uma leve saliência. ALMEIDA, Antonio Domingues et al. *Dicionário Breve de Historia*. Lisboa: Editorial Presença, 1996. p. 25.

¹² A Ordem de Cristo foi criada em Portugal, pelo papa João XXII, sendo rei D. Dinis. O emblema da ordem, a Cruz da Ordem de Cristo, adornava as velas das caravelas dos navegadores lusos. WIKIPEDIA, 2007.



Foto 18 – Maquete da Exposição realizada para o estudo e soluções de problemas construtivos no espaço expositivo

O item intitulado *Como se deve ver a Exposição*, no referido Guia, permitiu-nos conhecer o roteiro externo, construído para os visitantes que iam participar das Comemorações Centenárias. Assim, o visitante era orientado para “ver” um circuito espacial que se iniciava com a entrada pela porta principal, na Praça Afonso de Albuquerque, que dava acesso a três pavilhões. O Pavilhão da Fundação era indicado como o primeiro prédio. Seguindo-se em frente, uma escada permitia alcançar-se o primeiro andar deste Pavilhão. Para se chegar ao segundo prédio, o Pavilhão da Formação e Conquista, precisava-se atravessar a ponte da Porta da Fundação. Na seqüência, encontrar-se-ia o terceiro, que era o Pavilhão da Independência.

Uma estrada de ferro cortava a Exposição. Para viabilizar a passagem dos visitantes de um lado para outro da linha do trem, com o objetivo de chegar ao Tejo, foram construídas passarelas e passagens subterrâneas. Saindo deste percurso, o visitante teria a sua frente o Pavilhão dos Descobrimentos e a Grande Esfera. Para dar continuidade a sua visita, deveria descer pela ponte da Porta da Fundação e seguir pelo lado oposto, visitando os prédios na seguinte ordem: Pavilhão do Brasil 1940, Pavilhão da Colonização e Pavilhão de Lisboa. Depois, poder-se-ia fazer uma visita à Casa de Santo Antonio.

Para continuar, o visitante deveria retornar à Praça do Império, onde encontraria a entrada da porta principal do Pavilhão de Honra e, se quisesse aproveitar, poderia seguir a visita pelo Jardim Colonial¹³. O Jardim Colonial era o único espaço que facultava ao visitante

¹³ Acreditamos, ou melhor, a nossa hipótese, sem um estudo mais aprofundado, pois o Jardim Colonial não era nosso objeto de pesquisa, é que a dificuldade imposta a essa visita decorreu da localização desse Jardim, que ficava em uma posição não privilegiada em relação aos outros pavilhões. Para o acesso, inclusive, foi construída uma ponte, em razão da ladeira que existia no terreno.

a opção de não realizar a visita. Então, a opção seria visitar o Mosteiro dos Jerónimos, que abrigava a Exposição de Cartografia e as Recordações dos Portugueses na Espanha.

O espaço do Jardim Colonial foi escolhido para abrigar os indígenas, em razão do patrimônio natural que ali se encontrava (árvores foram plantadas nessa espécie de Jardim Botânico), possibilitando a criação de um ambiente com canoas passeando por um lago, jacarés vivos e em escultura. Os recursos naturais existentes eram apropriados para a representação que se pretendia, indígena *in situ*.



Foto 19 – Espaço da aldeia indígena na Secção Colonial na Exposição do Mundo Português

A história da colonização apresentava a narrativa do papel do colonizador, isto é, a colonização realizada pelo Estado Novo, o presente sendo historicizado pela Exposição do Mundo Português. Como não poderia faltar, a religião foi representada no papel dos missionários nas Colônias, sendo construída uma “Capelinha das Missões”. Inclusive, nesse espaço intitulado carinhosamente de *Capelinha*, realizou-se, durante a Exposição, o casamento “[...] dos negros Antonio Lacerda (da Guiné) e Sara Rita (de Angola)”¹⁴, provenientes de regiões diferentes de domínio português, reforçando a imagem de conquista espacial do colonizador.

Dando continuidade à visita, seguindo o percurso, encontravam-se mais três secções que estavam no Pavilhão dos Portugueses no Mundo, e deveriam ser visitadas obedecendo-se

¹⁴ FESTAS e Romarias populares. *Arquivo Nacional*, Lisboa, Ano IX, n. 452, p. 562-564, 4 set. 1940. p. 562
Esse casamento foi matéria na Revista, com foto tradicional da família e padrinhos, com noiva de branco e noivo de paletó.

à seguinte seqüência: 1º - Brasil Colonial (Porta Norte, lado dos Jerónimos); 2º - Portugal no Mundo (entrada Central, por detrás da Estátua da Soberania); e em 3º lugar - o Pavilhão de Portugal 1940 (Porta Sul do Pavilhão) do lado da Praça do Império.

Na saída, por detrás do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, estava o Pavilhão dos Caminhos de Ferro e Portos, e das Telecomunicações (Correios, Telégrafos, Telefones). Havia também as Aldeias Portuguesas, o Parque Infantil e o Jardim dos Poetas. Seguia-se para a Secção da Vida Popular, que deveria ser visitada, obedecendo a mais uma seqüência: 1º - Prólogo, 2º - Ourivesaria, 3º - Terra e Mar, 4º - Artes e Indústrias, 5º - Doçarias. Seguiam-se o Padrão das Descobertas e a Nau Portugal, defronte da Praça do Império.

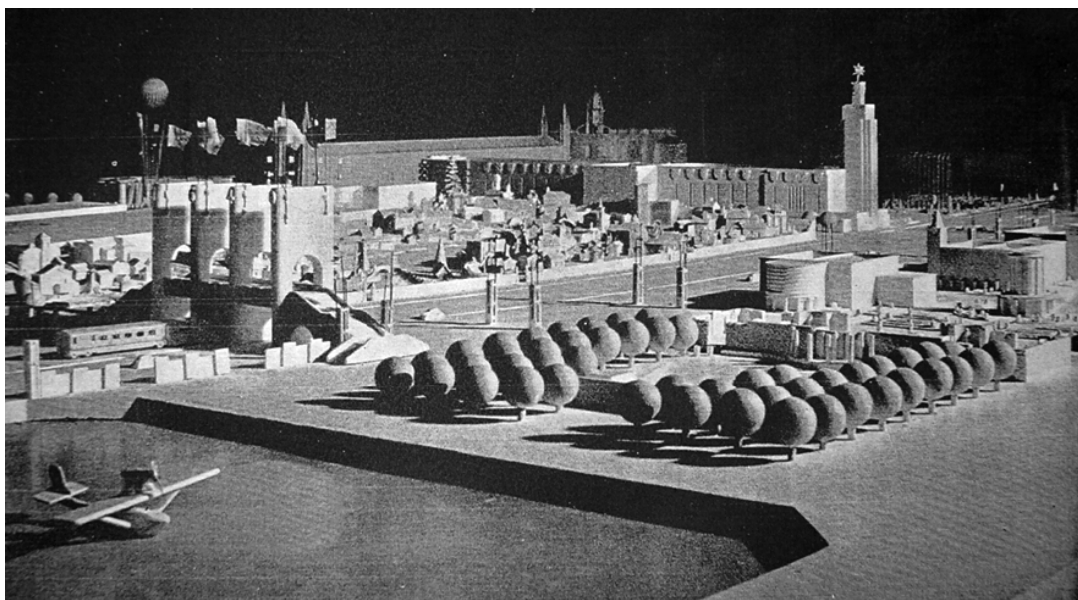


Foto 20 – Maquete da Exposição do Mundo Português

Para se chegar à Secção Etnográfica Colonial¹⁵, seria preciso seguir pela Rua da Índia, acesso criado até o Jardim Colonial, que possuía os Pavilhões de Angola, Moçambique, Guiné, Casa do Rei do Congo. Nesse espaço, havia a presença dos africanos¹⁶, de carne e

¹⁵ Essa Secção, em razão do objetivo de apresentar os “indígenas” *in situ* obteve uma destinação orçamentária para custear a manutenção do espaço e os “indígenas vivos”. Nesse item é possível observar que são os menores valores. Assim vejamos. A parte Colonial tinha um valor total de 2.100.000\$00, que seriam distribuídos da seguinte forma: Aldeias Coloniais 200 contos; Casa do Colono 25 contos; Caça e Turismo 125 contos; Casa das Missões 125 contos; Restaurante Colonial 70 contos; Curadoria Indígena 10 contos; Alimentação dos Indígenas 5 contos; Delegação das Colônias 90 contos; Recrutamento e transporte de Indígenas 1.000 contos; Recheio do Museu Etnográfico 300 contos; Elefantes e Camêlos 150 contos, perfazendo um total de 2.100 contos (um conto é igual a mil escudos). Orçamento do Mundo Português. N.A: documento sem data e assinatura, provavelmente de 1939. (SNI 3959).

¹⁶ Vieram para esta Secção os indígenas da Guiné: *Bijagoz, Mandingas e Fulas*; Angola; Mocambique: *Muchopes e Macondes*; Cabo Verde; Timor; Macau; S. Tome e a aldeia dos Muleques (recreio de crianças indígenas).

osso, para serem observados ao vivo pelos visitantes em seu cotidiano, espécie de “habitat natural”. No Catálogo sobre a Secção Colonial¹⁷ está posto que a intenção era promover ao público visitante um “[...] ambiente característico da província onde aqueles “elementos” serão apreciados através dum prisma de maior realidade e justeza.”

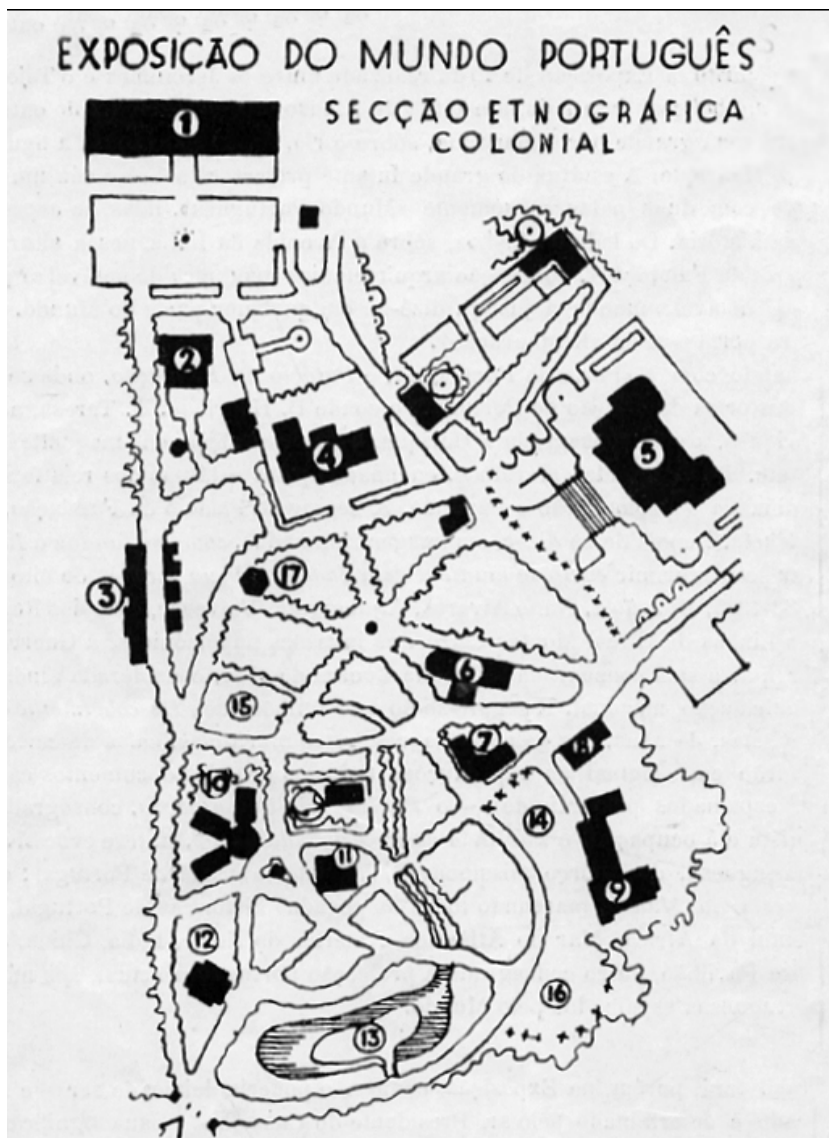


Foto 21 – Secção de Etnografia Colonial¹⁸

Foi possível localizar, em anúncios de jornais, que no espaço ocorriam festas e cortejos. No *Diário de Notícias* consta a divulgação do evento *Hoje, à noite, na Secção*

¹⁷ EXPOSIÇÃO..., 1940. p. 271.

¹⁸ Legenda: 1 – matérias-primas, caça e turismo; 2 – Índia; 3 – Macau; 4 – estufa; 5 – Angola e Moçambique; 6 – restaurante; 7 – arte indígena; 8 – curadoria; 9 – Missões católicas; 10 – São Tomé, Cabo Verde e Timo; 11 – casa de São Tomé; 12 – Guiné; 13-16 – aldeias indígenas e casa do chá.

*Colonial Batuque Africano*¹⁹, no dia 8 de agosto de 1940. Quando chegou o inverno, em razão das condições a que estavam expostos e das doenças que começaram a contrair, os africanos tiveram que voltar para as Colônias²⁰. Havia também a representação da Índia portuguesa. Para finalizar, instalados no entorno do Monumento à Expansão de Portugal no Mundo, encontravam-se cafés e chás portugueses, restaurantes coloniais com comidas da África e da China.

Para entrar e visitar todo esse espaço, o visitante pagava uma entrada estipulada de acordo com um quadro classificatório, aprovado pela Comissão da Exposição do Mundo Português²¹, com os seguintes valores²²:

Preços dos Bilhetes na Exposição	Valor
Dias de inauguração e grandes festas	5\$00
Entrada geral	2\$50
Entrada com direito ao Parque de Atrações	3\$50
Dias populares e excursões com mais de 200 pessoas	1\$50
Excursões de 50 a 200 pessoas	2\$00
Cadernetas com 10 entradas	30\$00
Cadernetas com 30 entradas	60\$00
Bilhete de assinatura para toda temporada	200\$00

Quadro 8 – Valores dos bilhetes para o ingresso do público na Exposição

A Exposição tinha horários determinados para a visita. As Portas da Fundação e da Restauração serviam para definir limites e controlar o acesso. As Portas abriam a partir das 9 horas da manhã; a programação oficial encerrava às 24 horas. O Parque de Atrações ficava aberto até as 2 horas e 30 minutos. Em virtude das grandes distâncias que deveriam ser percorridas no recinto expositivo, o deslocamento dos visitantes podia ser feito de táxi, comboios-miniatura e um funicular²³.

¹⁹ No convite constava a informação dos valores, lugares reservados e cadeiras — 5\$00 e 2\$50 e 1\$50 o peão — exclusive o ingresso na Exposição, que incluía visita às Secções, Aldeias, Bairro Comercial e Pavilhões.

²⁰ “Decidiu-se regressar com os indígenas devido à estação invernososa.” Registro encontrado na Acta 88 de 17 de outubro 1940, 17 horas, com as presenças de: Julio Dantas, Linhares Lima, Antonio Ferro, Augusto de Castro, Reinaldo dos Santos, Silveira e Castro, Coronel Pestana Vasconcelos Director Adjunto da Secção de Festas e Espectaculos e Capitão Arrochela Lobo, presidente da Comissão Administrativa da Exposição do Mundo Português. (ANTT-SNI 2820).

²¹ Acta 62, de 14 de abril 1940, às 17 horas. Presentes os senhores Júlio Dantas, Linhares Lima, Antonio Ferro, Augusto de Castro, Reinaldo dos Santos e Silveira e Castro. (SNI 2820).

²² Em 9 de Abril 1940 o dólar era cotado ao câmbio de 27\$00 escudos. (SNI 2182).

²³ Espécie de bondinho.

Sobre a visitação aos Pavilhões, encontra-se registrado no documento intitulado *Regulamento Geral da Exposição Histórica do Mundo Português*²⁴, Capítulo XI – Horários e Informações, os seguintes horários para o funcionamento dos Pavilhões durante a Exposição:

Art 88º - O horário dos Pavilhões será o seguinte:

Abertura: todos os dias às 15 ½ horas

Encerramento: às 19 ½ horas

Reabertura: às 21 ½ horas

Encerramento: às 23 ½ horas.

O art. 89º desse Regulamento estabelecia que se destinasse um dia para a limpeza e manutenção dos espaços expositivos, não sendo possível a visitação pública. Ficou definido que “[...] as 6ª feiras os Pavilhões não abrem ao público por necessidade de limpeza geral”²⁵.

Sobre a inauguração da Exposição é preciso esclarecer que, a despeito da abertura oficial no dia 23 de junho de 1940, alguns Pavilhões ainda não estavam totalmente prontos e foram sendo abertos no transcurso das comemorações. No Quadro 9 é possível visualizar os Pavilhões e as datas de sua abertura e visitação para o público:

Nome do Pavilhão	Data da inauguração
Pavilhões da Fundação, da Formação e Conquista, da Independência	25 de junho de 1940
Secção Colonial da Exposição	27 de junho de 1940
Pavilhão dos Descobrimentos	28 de junho 1940
Pavilhão de Lisboa	29 de junho de 1940
Pavilhão da Colonização	1 de julho de 1940
Aldeias Portuguesas	2 de Julho de 1940
Pavilhão dos Portugueses no Mundo	8 de Julho de 1940
Casa de Santo António	13 de junho de 1940
Bairro Comercial	19 de julho de 1940
Pavilhão do Brasil 1940	20 de Julho de 1940
Pavilhão do Brasil Colonial	27 de Julho de 1940
Pavilhão de Portugal 1940	1 de Agosto de 1940
Nau Portugal	7 de setembro de 1940

Quadro 9 – Pavilhões da Exposição do Mundo Português e datas de inauguração²⁶

²⁴ REGULAMENTO da Exposição Histórica do Mundo Português. Lisboa, 1940. p. 31. (ANTT - SNI 3959).

²⁵ Ibidem, p. 31.

²⁶ Baseado em CASTRO, 1940a.

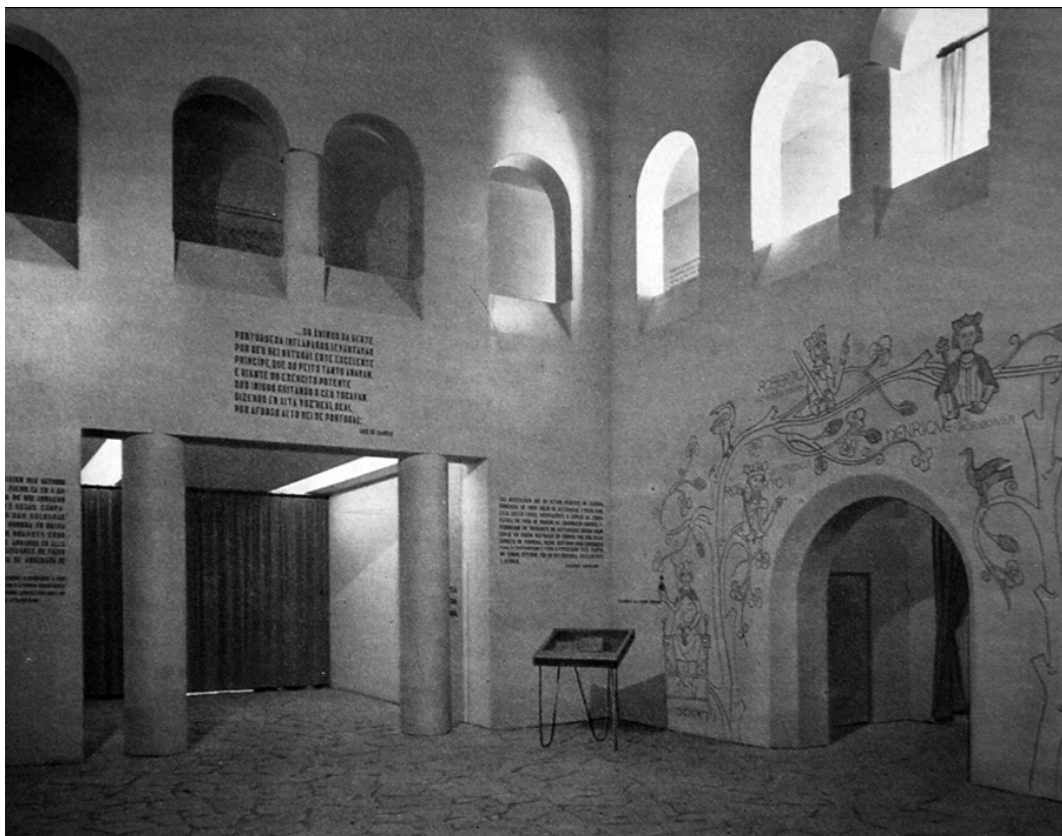


Foto 22 – Expografia do Pavilhão²⁷

O interior de cada Pavilhão contava com a apresentação da “história narrada em imagens”²⁸. Para contá-la, havia uma expografia²⁹, em cujos espaços foram construídos esculturas, desenhos, altos-relevos³⁰, maquetes, mapas e foram criados efeitos de luz para propiciar a teatralização de alguns aspectos da história do povo português. Além disso, a solicitação de objetos aos museus, bibliotecas e arquivos, que pudessem ilustrar os espaços,

²⁷ MUNDO Português: Imagens de uma Exposição Histórica 1940. Lisboa: Edições SNI, 1956. Não paginado. Pavilhão da Fundação. Neste capítulo, para compreendermos a Exposição do Mundo Português, utilizaremos como fonte este Catálogo, produzido em 1956, em razão da *Exposição 30 anos de Cultura Portuguesa*, realizada em 1 de maio de 1956. Também exporemos neste capítulo o arquivo de imagens preparado durante a pesquisa em Portugal, que registra os espaços, prédios e monumentos da Exposição. São registros fotográficos realizados com o acervo da Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas; *site* fotobiografia — família Tavares na Exposição do Mundo Português em 1940; cópias de fotos do Arquivo Fotográfico da Biblioteca Nacional de Lisboa.

²⁸ CASTRO, 1940.

²⁹ Emprego o termo *expografia*, conceito atual na museologia, para explicar o que à época denominava-se de recursos técnicos, vitrines, recursos e efeitos cênicos. A expografia é a “[...] forma da exposição de acordo com os princípios expológicos e abrange os aspectos de planejamento, metodológicos e técnicos para o desenvolvimento da concepção e materialização da forma.” CURY, Marília. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

³⁰ Forma de escultura, em que as figuras se salientam bastante do plano de fundo. ALMEIDA et al., 1996, p. 16.

foi aprovada pela Comissão³¹ e autorizada pelo Presidente do Conselho, Oliveira Salazar³², pelo art. 27, do Decreto Nº. 29.087, de 28 de outubro de 1938.



Foto 23 – Sala com escultura de Afonso Henriques no Pavilhão³³

³¹ “Em seguida, o Sr. Presidente diz que, tendo sido aprovado na última sessão uma proposta do Commissariado da Exposição do Mundo Português no sentido de se solicitar da Presidência do Ministério facilidades para o empréstimo, por parte dos museus e bibliotecas das espécies necessárias a figurar na referida Exposição; julgou conveniente transmitir essa proposta à Presidência do Conselho, apresentar alguns alvitre atinentes a evitar dificuldades e delongas na cedência dessas espécies como valores pertencentes ao património nacional”. Acta 55, de 20 de fevereiro de 1940, p. 1-2. (SNI 2820).

³² Antonio de Oliveira Salazar (1889 -1970), estadista, político, professor da Universidade de Coimbra, chefe do governo entre 1932 e 1968, fundador e principal ideólogo do Estado Novo (1933-1974). Nasceu em 28 de abril 1889. Em 28 de abril de 1928 tomou posse como Ministro das Finanças; em 5 de julho de 1932 foi empossado chefe do Governo. ROSAS; BRITO, 1996, p. 861.

³³ MUNDO..., 1956, não paginado. Pavilhão da Fundação.

Pedreirinho³⁴ corrobora nosso entendimento sobre a apresentação dos objetos nos espaços expositivos: “A pintura e a escultura eram assim utilizadas como suporte narrativo dos factos históricos que se pretendiam relatar numa imensa galeria de encenações a que não faltava sequer a animação de algumas cenas.” Ainda que buscasse contar o passado com peças guardadas em museus, arquivos e bibliotecas, Augusto de Castro³⁵ afirma que esta Exposição era um álbum de imagens que deveria ser assim entendido:

Através desse livro colorido de glórias, de figuras, de datas e de costumes, não procurámos apenas sugerir o Passado. Esta Exposição não será sómente uma Galeria de Sombras. Desejámos e desejamos que ela não seja exclusivamente um memorial de Mortos, mas constitua também uma lição de Vivos. Não a quisemos como um monumento a Velhice. Ambicionámo-la como um hino à Juventude.



Foto 24 – Sala de Cartografia no Pavilhão dos Descobrimentos³⁶

³⁴ PEDREIRINHO, 1990, p. 125.

³⁵ CASTRO, 1940a, p. 56.

³⁶ MUNDO..., 1956, não paginado.

Em seu discurso, Augusto de Castro³⁷ afirma que esse “contar o passado” era pretendido pela Exposição a partir de três objetivos subjacentes às montagens dos espaços:

Podem dar-se a esta Exposição três objectivos: em primeiro lugar, a projecção sôbre o Passado — como galeria de imagens heróicas da fundação e da existência nacionais, da função universal, cristã e evangelizadora, da Raça, da gloria marítima e colonial, do Império; em segundo lugar, a afirmação das forças morais, políticas e criadoras do Presente; em terceiro lugar, um acto de Fé no Futuro.

Neste momento, faz-se necessária a compreensão do roteiro expositivo do interior dos Pavilhões. Para iniciar sua história, o marco ou fato histórico definido por Portugal, uma espécie de “ponto zero” seria nos Pavilhões da Fundação, da Ocupação e Conquista e da Independência. Assim, pretendia-se nesse espaço, por meio de imagens, contar como nasceu a nacionalidade, a fundação do Império e a independência. Augusto de Castro³⁸, em discurso inaugural, no Pavilhão, lançou uma espécie de desafio para os convidados presentes à solenidade:

Não vos convindo, meus senhores, a traduzir à letra as inscrições e as imagens que ides ver. Incito-vos a procurar apenas nesses rápidos símbolos a sugestão que vos faça sonhar e meditar; a compreender, não criticamente com o cérebro — porque não estamos diante de um livro ou dum museu — mas a reconhecer com a alma, com o coração, com a imaginação e com a fé, esta gloria suprema, êste bem, que nos eleva nesta hora acima de nós próprios, de nos sentirmos todos mais do que nunca — portugueses!

Para ver a história de Portugal no Mundo, se essa era a proposta para as pessoas que o assistam e, conseqüentemente, iriam visitar os pavilhões, era necessário expurgar do processo de visitaçãõ a racionalidade e deixar a alma comandar a viagem ao passado. Esse objetivo foi atingido principalmente nos trabalhos dos historiadores, artistas e decoradores que realizaram essa tarefa, de maneira plástica, em suas obras espalhadas pelo interior dos Pavilhões.

³⁷ CASTRO, Augusto de. Inauguração da Exposição do Mundo Português: discurso do Comissário Geral. *Boletim Geral das Colônias*, Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940, Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 130-189, jan.1941a. p. 174.

³⁸ CASTRO, Augusto de. Inauguração do Pavilhão da Colonização: discurso de Augusto de Castro. *Boletim Geral das Colônias*, Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940, Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 225-229, 1941b. p. 227.



Foto 25 – Pavilhão da Fundação³⁹

Em entrevista à Revista do Sindicato dos Arquitetos, em 1938, Cotinelli Telmo⁴⁰, na qualidade de arquiteto-chefe da Exposição do Mundo Português, já fazia referência às obras dos Pavilhões da Exposição e afirmava que elas não seriam construídas para serem vistas “a sangue-frio”. Então, seguimos a orientação descritiva apresentada para o Pavilhão da Fundação, que teve a direção-coordenação de Luiz Pastor de Macedo e o arquiteto responsável Raul Rodrigues de Lima. Sua arquitetura era em forma de castelo medieval, com pontes levadiças na entrada; na fachada, uma Cruz de Cristo estilizada tinha inscrito entre seus braços o nome de Portugal.

³⁹ MUNDO..., 1956, não paginado.

⁴⁰ TELMO, José Ângelo Cotinelli. Exposição Histórica do Mundo Português. *Revista do Sindicato dos Arquitetos*, Lisboa, n. 9, p.249-259, abr./jun. 1983.

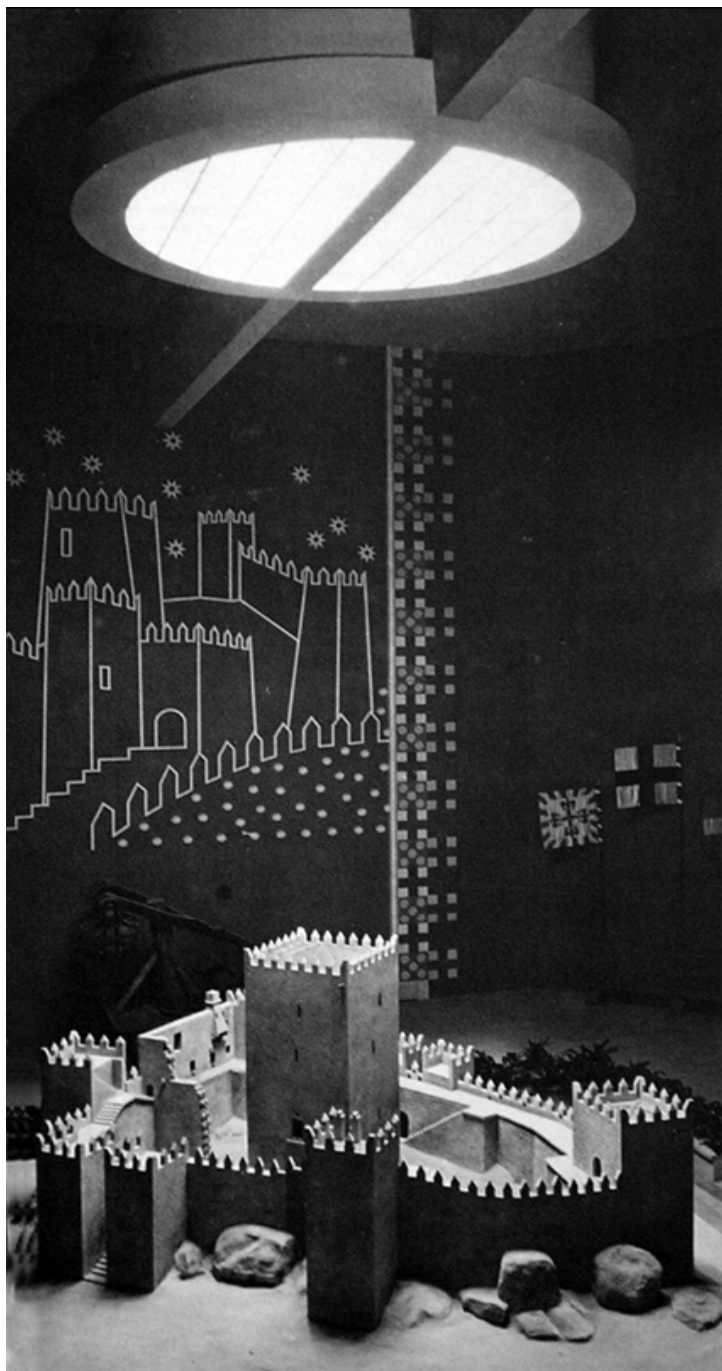


Foto 26 – Diorama⁴¹ do Castelo de Guimarães⁴²

A opção por um castelo como Pavilhão da Fundação decorreu da simbologia que o Castelo de Guimarães representa para a gênese da História de Portugal e para a força de sua

⁴¹ Recurso expositivo com cenas que buscavam representar situações reais em maquetes. O termo foi utilizado em 1822, pelo curador do Museu Americano de História Natural. Para maiores informações, consultar SUANO, 1982, p. 31.

⁴² MUNDO..., 1956, não paginado.

expansão, como afirma Augusto de Castro⁴³ em seu discurso na inauguração da Exposição: “[...] a nacionalidade começa em Guimarães [...]” No aspecto expositivo, o desenvolvimento da temática segue com a apresentação das personalidades e dos fatos históricos marcantes para a fundação do país. Essas personalidades estavam distribuídas nas salas dos seguintes módulos: Sala D. Afonso Henriques, Sala dos Documentos Medievais, Sala dos Castelos e Sala das Batalhas.

Em outra sala, denominada de D. Afonso Henriques⁴⁴, como um prefácio, encontra-se a estátua do primeiro rei português, “figura dominadora”, dizia a legenda. E a espada que representa sua tradição tornou-se o símbolo da figura do Rei; ela é o rei personificado. Constam, no Roteiro dos Pavilhões⁴⁵, as seguintes referências a esta montagem: “A sua estátua, em frente da qual arde uma chama votiva; como fundo, pinturas decorativas sobre motivos de iluminuras do Apocalipse de Lorvão; a espada daquele Rei [...]”

Assim, nesse espaço, os objetos foram distribuídos como exemplares da história proposta, tais como a Pia Batismal de São Miguel de Guimarães, onde o rei fez-se cristão, segundo o texto informativo. Nas paredes, pinturas murais com a genealogia da ascendência e descendência de D. Afonso Henriques, seguido de imagens de anjos que representam a fé. Nos corredores e nas salas por onde os visitantes transitavam era possível ver, “a meia luz”, bustos de monarcas, reproduções de túmulos, documentos do período, reproduções de iluminuras nas paredes, miniaturas e pinturas murais de Castelos.

Segundo Augusto de Castro⁴⁶, ao discursar sobre o espírito que permeou a Exposição neste Pavilhão, tinha-se a pretensão de recordar o nascimento e o crescimento da nacionalidade, através do que estava exposto: “[...] Palácio da Fundação, onde se procurará dar a visão histórica da criação de Portugal: o Conde D. Henrique, D. Teresa, a estátua de Afonso Henriques, a sala consagrada a Ourique, a reconstituição em «maquete» da tomada de Lisboa, etc.”

E, com certeza, já no primeiro prédio, o visitante iniciava a visita com um impacto visual, pois impressionavam os recursos expositivos utilizados para a apresentação do circuito com jogo de luz⁴⁷, cenas de grande qualidade técnica e plasticidade. Sempre que possível, o documento original era usado, o que nos leva a considerar que se seguia uma linha em que o

⁴³ CASTRO, 1941a, p. 172. Em Guimarães foi fundado Portugal, quando D. Afonso Henriques se declarou o primeiro rei. O Castelo representa uma “[...] construção fortificada para a defesa e símbolo de poder real”. ALMEIDA, 1996, p. 38.

⁴⁴ Afonso Henriques venceu a Batalha de Ourique em 1139, expulsou os mouros e unificou o território e a nação portuguesa. WIKIPEDIA..., 2007.

⁴⁵ ROTEIRO..., 1940, p. 3.

⁴⁶ CASTRO, 1940a, p. 21-22.

⁴⁷ Na Acta 44, de 21 de novembro 1939, está registrado “[...] que se exponha ao Exm^o. Senhor Presidente do Conselho a situação criada pela Guerra na parte que se refere à licença de exportação e transporte do material eléctrico encomendado à França.” O efeito de luz criado para a Exposição proveio de equipamentos franceses.

documento era a prova testemunhal, espécie de “testemunha ocular”⁴⁸ da história que estava sendo apresentada.



Foto 27 – Pavilhão da Formação⁴⁹

O Pavilhão da Formação e Conquista foi coordenado por Luiz Pastor de Macedo e o arquiteto Raul Rodrigues de Lima. O prédio que pretendia “[...] recordar, em motivos de arte, documentos e objectos da época, a actividade dos primeiros [...]”⁵⁰, era composto por seis

⁴⁸ Expressão usada por BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p 18.

⁴⁹ MUNDO..., 1956, não paginado.

⁵⁰ ROTEIRO..., 1940, p. 26.

salas com as seguintes temáticas históricas: Sala do Mapa, Sala de D. Afonso IV, D. Pedro e D. Fernando, Sala da Rainha Santa Isabel, Sala de D. Diniz, Sala da Formação e Povoamento, Sala dos Documentos.

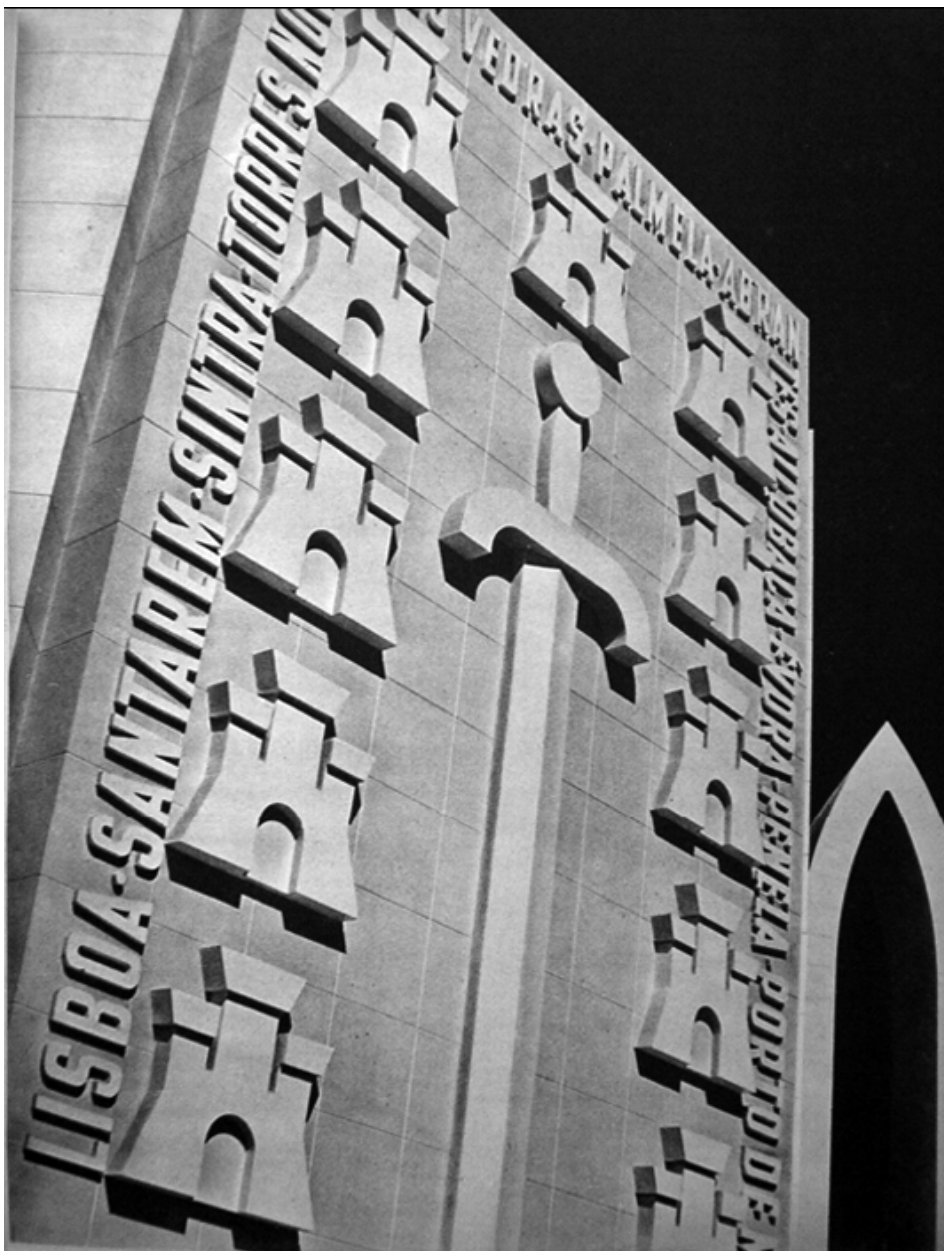


Foto 28 – Torre dos 13 Castelos⁵¹

Na parede da parte externa do Pavilhão, um baixo relevo em forma de escudo com as armas de Aviz e a cruz de braços floridos, ladeado com as 12 torres de castelos, representava os castelos de Santarém, Évora, Lisboa, Sintra, Torres Vedras, Palmela, Torres Novas,

⁵¹ MUNDO..., 1956, não paginado.

Alcobaça, Abrantes, Penela, Porto, Porto de Nós. No meio da sala, a representação da espada de D. Afonso. Contornando o Pavilhão, baixos relevos com textos informavam o ano e o episódio que a data representava para a História de Portugal, como por exemplo: “1139 Afonso Henrique vence os Mouros - Batalha de Ourique”. Ao lado do prédio, arcos com altas ogivas em ponta de lança, obra do arquiteto chefe da Exposição, Cotinelli Telmo. Esse monumento era assim justificado:

Os Arcos que atalaíam a fachada do Pavilhão da Fundação, concebidos por Cottinelli Telmo, o arquitecto-chefe da Exposição — com as suas altas ogivas de ponta de lança, tocando-se numa ânsia ascensional, fugindo da realidade para o sonho, são um símbolo do esforço da conquista, visto através de uma idéia de arte. A cruz sigilográfica firmada no parâmetro, outro símbolo. O símbolo da ânsia de ir mais longe e de vencer, e a segurança na fé inspiradora⁵².

Nos circuitos expositivos desse prédio, encontramos uma temática recorrente: as lutas para a formação e a conquista da unidade nacional. Em suas salas, vitrines embutidas expunham documentos e inscrições nas paredes valorizavam a capacidade do povo português: “[...] do valor e da vontade da Raça” ou “Antes de acabar o 13º século Portugal contorna-se das linhas fronteiriças próprias, estabelece-se o prefácio Dinástico da Nação”⁵³.

Na exposição é expressivo o número de Anjos representados. Este signo foi usado desmedidamente, para demonstrar a fé e a religiosidade dos portugueses. Estão em diversos momentos e situações; em alguns quadros, seguram fitas com seus braços abertos, como se anunciassem as “boas novas” aos visitantes; em outras pinturas, carregam fitas que trazem frases como: “D. Afonso Henriques arma-se cavaleiro a si próprio na Catedral de Zamora”; “D. João Peculiar ascende ao Arcebispado de Braga unificação da Igreja Portuguesa”; “Afonso VII de Leão e Castela reconhece em Zamora a independência de Portugal”⁵⁴.

Com relação à representação da nacionalidade, como vimos, o elemento utilizado foi o castelo, simbolizado numa maquete do Castelo de Guimarães. Sua legenda explicava:

A nacionalidade começou em Guimarães, o venerado Castelo donde Portugal espreitou o território que deveria abrigar o seu fundo rácico, ei-lo em miniatura expressiva. Da sua torre maior, os olhos do conquistador viram o clarear da primeira esperança. Bate-o, de alto, uma luz forte rompendo a cobertura da sala. Era mister que a recordação do admirável monumento, ao mesmo tempo, testemunho e apoteose do alvorecer da consciência nacional, não ficasse na penumbra evocadora do pavilhão⁵⁵.

⁵² MUNDO..., 1956, não paginado.

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ Ibidem.

Ao lado da miniatura do Castelo, na parede da direita, um grande desenho em forma de iluminura representava as três Grandes Batalhas que ocorreram e foram decisivas para Portugal na luta pela conquista de seu território, envolvendo a figura de Afonso Henriques: São Mamede (1128), Ourique (1139) e Arcos de Valverde (1140)⁵⁶. Com relação à Batalha de Ourique, ela é cercada por um milagre. Conta a lenda que o Rei Afonso Henriques foi ajudado por anjos quando lutava contra os mouros e assim os venceu. Tanto que, nesse espaço, as lutas estavam envolvidas num quadro de fé e religiosidade, com padres e cruzeiros. Inclusive havia uma grande cruz, acompanhada da frase: “Portugal foi sempre Cristão”.

O Pavilhão da Independência foi dirigido por Luiz Pastor de Macedo e teve como arquiteto Raul Rodrigues de Lima. Possuía em sua fachada um painel com o brasão de armas de Portugal, um escudo com sete castelos e no centro um escudo com 5 escudetes em forma de cruz. Nos estudos heráldicos, diz-se fazer alusão à Batalha de Ourique, na qual, segundo consta, Cristo teria aparecido a D. Afonso Henriques, prometendo-lhe a vitória se adotasse por armas suas chagas, em número de 5, donde os cinco escudetes⁵⁷.

A exposição que estava neste Pavilhão trabalhava com três épocas históricas, compreendidas pelos períodos dos reinados de D. João I⁵⁸, D. João II⁵⁹ e a Guerra Peninsular⁶⁰. Os módulos expositivos e seus documentos foram distribuídos em sete salas, denominadas de Salas de D. João I, Sala de Aljubarrota, Sala do Túmulo, Sala de D. Felipa de Vilhena, Sala 1640, Sala de D. João IV e Sala da Guerra Peninsular.

Destacamos, nesse prédio, a apresentação de um painel de três partes, com a representação da coroação do Mestre de Avis, em 1385. Segundo o texto, inaugurou uma época de glória da História de Portugal. Retrata também, por meio das imagens, painéis e textos nas paredes, o percurso de Nuno Álvares Pereira para criar as bases para a independência. Numa

⁵⁶ A Batalha de S. Mamede, que aconteceu em Guimarães, representa a vitória de Afonso Henriques na luta contra o exército de D. Teresa (sua mãe) e do Conde Galego Fernão Peres de Trava, passando a governar o Condado Portucalense. Na Batalha de Ourique, D. Afonso Henriques expulsa os mouros e se intitula e é reconhecido como Rei de Portugal. Em Arcos de Valverde, D. Afonso Henriques ganha o torneio entre cavaleiros portugueses e leoneses às margens do Rio Vez; pelo Tratado de Zamora (1143), D. Afonso VII de Castela atribui-lhe o título de rei. BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006; RAMOS, P. Ferreira. *As principais datas da História de Portugal: da primeira dinastia à terceira República*. Lisboa: Europa-América, 1993; RIBEIRO, João Guilherme C. *Bandeiras que contam Histórias*. Rio de Janeiro: Zit Gráfica e Editora, 2003.

⁵⁷ RIBEIRO, 2003.

⁵⁸ D. João I (1357-1433), 10º rei de Portugal, ficou conhecido como “O de Boa Memória”. Era filho ilegítimo do Rei D. Pedro. Em 1364, foi consagrado Grão-Mestre da Ordem de Avis, o que resultou na Guerra de Aljubarrota com Castela. WIKIPEDIA..., 2007.

⁵⁹ D. João II (1455-1495), 13º Rei de Portugal, ficou conhecido como o “Rei Perfeito” (1481-1495). Em 1494, assinou com Castela o Tratado de Tordesilhas. WIKIPEDIA..., 2007.

⁶⁰ Guerra Peninsular (1807-1814). Conhecida como Guerras Napoleônicas, envolveram Portugal, Espanha, Grã-Bretanha e França, fazendo com que a Família Real, em 1808, embarcasse para o Brasil, instalando na Colônia a Corte Portuguesa. WIKIPEDIA..., 2007.

sala com a escultura desse beato⁶¹, havia dois anjos gorduchos, característicos da Idade Média, carregando uma coroa e um texto que informava: “Espontaneamente, num instinto de autonomia e de revolta contra o invasor. O povo português honrou no século XIX, as tradições ganhas nos séculos XIV e XVI contra o domínio estrangeiro.”

O Pavilhão dos Descobrimentos teve como diretor histórico o Comandante Quirino da Fonseca⁶². O responsável pela decoração foi o arquiteto Cottinelli Telmo e o autor do Projeto foi o arquiteto Pardal Monteiro. Na fachada, um baixo relevo com uma âncora, símbolo das embarcações, fazia alusão às grandes navegações que levaram os portugueses às descobertas do Novo Mundo. A compreensão histórica dos assuntos tratados neste Pavilhão foi possibilitada pela colaboração prestada pelo comandante Fontoura da Costa, almirante Gago Coutinho, Dr. Damião Peres, Dr. Manuel Múrias, que se comprometeram a fornecer os dados.

A exposição foi distribuída em oito salas, a saber: Sala do Atlântico Tenebroso, Sala da Nau, Sala do Infante, Sala de Afonso V, Sala de D. João II, Sala de D. Manuel I, Sala dos Barcos e Sala dos Cientistas e Cronistas. Nestas salas, encontravam-se alegorias e símbolos dos resultados das portas que foram abertas para o mar por Portugal, como o caminho para promover o encontro com o Novo Mundo. Assim, foi registrado no *Mundo Português: Imagens de uma Exposição Histórica*⁶³, que o espaço “[...] fixou numa galeria expressiva de imagens, desde a síntese das concepções antigas da terra e do mar, até a evocação dos Lusíadas, comentário genial de toda a épica da Raça”.

Nas paredes desse Pavilhão, encontramos os desenhos que permeavam o imaginário dos navegadores sobre as lendas dos mares, com monstros, tubarões alados, tubarões com chifres, caravelas tentando vencer os fantasmas do mar ajudadas por anjos que faziam parte do enredo dos descobrimentos. Uma sala com um cenário de tombadilho de caravela, a Nau, com um céu desenhado, dando a impressão de que se estava em alto mar, informava:

Nos chapitéus das Naus dos Descobrimentos; teatro de tantas heroicidades e de tantos sacrifícios, entre rolos de calabres que inspiram os lavrantes do manuelino, os capitães e pilotos das carreiras da África, da Índia e do Brasil, dilucidaram essas trevas e deram à humanidade a nova concepção geográfica do Mundo⁶⁴.

⁶¹ Nuno Álvares Pereira (1360-1431), Conde de Barcelos, Santo Condestável de Portugal, título criado pelo Rei Fernando I de Portugal, em 1382, outorgado por D. João de Avis, representava o segundo na hierarquia militar depois do Rei. Quando da morte da sua mulher, tornou-se carmelita. Entrou para a Ordem do Convento do Carmo (1423) e passou a chamar-se Irmão Nuno Santa Maria. Em 1940 foi iniciado um processo de canonização do beato, que ainda está em aberto.

⁶² Quirino da Fonseca - Comandante da Marinha de Guerra Portuguesa, arqueólogo e investigador da história naval portuguesa. Foi diretor do Museu e da Biblioteca da Marinha (1863) no período de 1936 a 1939. Após a Exposição do Mundo Português, em razão de um incêndio (1916) que destruiu parte do acervo do Museu, solicitou a doação de muitas obras confeccionadas para o Pavilhão dos Descobrimentos, que hoje estão nos módulos expositivos do Museu da Marinha em Lisboa. PORTUGAL. Marinha Portuguesa. *Museu de Marinha – um mundo de descobertas*. Disponível em: <<http://www.museudamarinha.pt>> Acesso em: 13 jan. 2008.

⁶³ Esta publicação só foi editada em 1956, quando foram comemorados os 16 anos do Certame. Nessa ocasião já estavam falecidos Duarte Pacheco e Cotinelli Telmo, que são homenageados. MUNDO..., 1956, não paginado.

⁶⁴ MUNDO..., 1956, não paginado.

Consta no Roteiro dos Pavilhões que o cenário da Nau está localizado na sala intitulada *Sala da Nau*, cuja descrição pretendia proporcionar ao público uma compreensão plástica e quase real durante a visitação:

É o tombdilho duma embarcação e que nos dá a impressão nítida de que estamos a bordo duma nau, vogando de noite — uma noite estrelada, tal é a ilusão das ondulações da água azulada, os pontinhos luminosos na abóbada celeste, o ruído próprio do deslizar da caravela — tudo provocado pela luz eléctrica, não faltando o castelo em que se divisa o piloto atento aos instrumentos de navegação⁶⁵.

Augusto de Castro⁶⁶ registra que a busca pela imagem-documento visava contar a História de Portugal, distribuída em cada temática específica nos espaços expositivos dos Pavilhões. No caso dos Descobrimentos, o autor cita o que foi explorado sobre o assunto “[...] os Pavilhões dos Descobrimentos (reproduções de caravelas, de naus, de galeões, Sagres, rotas marítimas, salas de cartografia, em que se reunirão em original ou reproduções todos os grandes documentos cartográficos portugueses espalhados pelo Mundo)”⁶⁷.

Na sala intitulada *Sala do Infante*, havia a escultura do Infante Henrique⁶⁸ — O Navegador — rodeado de mapas das descobertas. É interessante registrar que nesse pavilhão optou-se por trabalhar com grandes desenhos — murais e esculturas que preenchiam as paredes das salas e dos corredores. Viam-se aí pinturas dos Grandes Homens dos Descobrimentos, a saber: Vasco da Gama⁶⁹, Bartolomeu Dias⁷⁰, Afonso V⁷¹, Pedro Álvares Cabral⁷², Afonso de Albuquerque⁷³, Fernão de Magalhães⁷⁴ e o símbolo do Padrão dos Descobrimentos Portugueses.

⁶⁵ ROTEIRO..., 1940, p. 35.

⁶⁶ CASTRO, 1940a.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 21

⁶⁸ Ao fixar-se em Sagres, na Vila do Infante, D. Henrique (1396-1460), rodeiou-se de mestres nas artes e ciências ligadas à navegação e criou uma Tercena Naval que se costuma chamar de *Escola de Sagres*. Não se tratava de uma escola como hoje se entende, mas de um local de reunião de mareantes e cientistas. A ciência dos doutores e a prática de hábeis marinheiros nesse espaço permitiu o desenvolvimento de novos métodos de navegar, desenhar cartas e adaptar navios. D. Henrique começou a ser chamado de “o Navegador” nos livros do século XIX, talvez em razão de ter sido o padrinho das explorações ultramarinas, mas não se aventurava ao mar. WIKIPEDIA..., 2007.

⁶⁹ Vasco da Gama (1469-1524), navegador e explorador português, vice-rei da Índia. *Ibidem*.

⁷⁰ Bartolomeu Dias (1450 -1500), a quem é atribuída a descoberta do Cabo da Boa Esperança, foi o primeiro a navegar longe da costa no Atlântico Sul. A sua viagem, continuada por Vasco da Gama, abriu o caminho marítimo para a Índia. *Ibidem*.

⁷¹ Afonso V (1432-1481) ficou conhecido pela alcunha de “O Africano”, pelas conquistas na África, conquistando Ceuta. Foi o décimo segundo Rei de Portugal da descendência de Avis. *Ibidem*.

⁷² Pedro Álvares Cabral (1467 ou 1468-1520 ou 1526), membro da Ordem de Cristo, foi nomeado pelo Rei D. Manuel capitão-mor da armada. Fez a viagem que o trouxe ao Brasil, fato reconhecido como “descobrimento do Brasil”. BUENO, 2006.

⁷³ Afonso de Albuquerque (1462-1515) foi considerado uma das principais figuras da expansão portuguesa no Oriente e da afirmação de Portugal na Ásia. Foi Governador da Índia. WIKIPEDIA..., op. cit.

⁷⁴ Fernão de Magalhães (1480-1521) ficou conhecido por ter sido o primeiro a dobrar o estreito que hoje leva seu nome. Foi o primeiro a navegar no Oceano Pacífico. *Ibidem*.

Nesse espaço expositivo há uma sala dedicada ao Tratado de Tordesilhas⁷⁵, com um baixo relevo com as armas e brasões de Espanha e Portugal. Consta no Catálogo da Exposição:

O Tratado de Tordesilhas, donde ressalta, pela inteligência e pelo pressentimento, a personalidade singular de D. João II — O Homem, como os Príncipes da Europa lhe chamavam — dividiu o Mundo pelas duas Grandes Nações peninsulares. Os Padrões portugueses, cravados no solo arrancado ao mistério e a ignorância, já no século XV afirmavam a nossa soberania, e uma linha traçada imaginariamente no Oceano definiu os limites do Senhorio de Portugal⁷⁶.

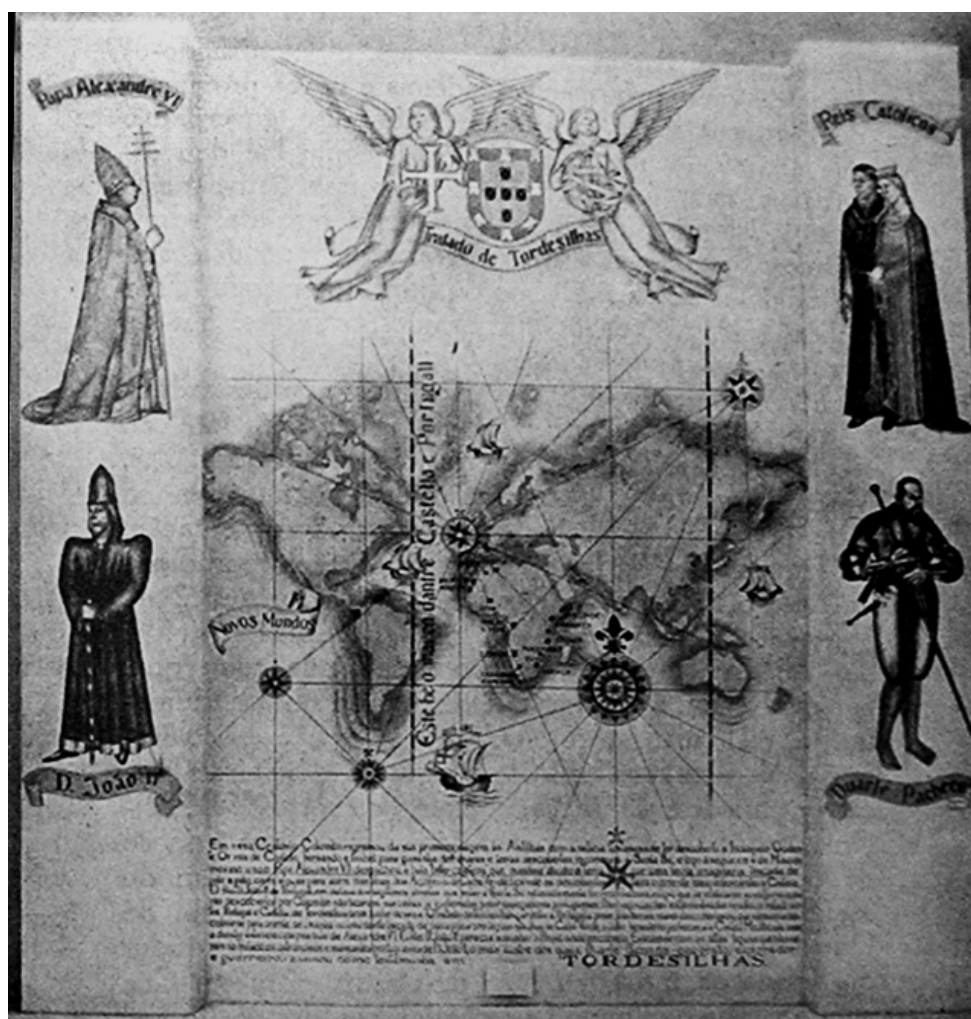


Foto 29 – Pintura Mural do Tratado de Tordesilhas⁷⁷

⁷⁵ O Tratado de Tordesilhas foi assinado em 2 de julho de 1494, em Arevalo, entre o Rei de Portugal D. João II (1481-1495) e os Reis católicos de Espanha D. Isabel e D. Fernando de Espanha (1479-1504). Definia que todos os descobrimentos realizados pelos portugueses no ocidente a 370 léguas das Ilhas de Cabo Verde seriam de Portugal e para o oriente seriam dos Castelhanos. ALMEIDA, 1996, p. 196; PEIXOTO, 1940, p. 24.

⁷⁶ MUNDO..., 1956, não paginado.

⁷⁷ Ibidem.

Uma outra sala expunha uma escultura de Camões⁷⁸, identificado como o poeta “dos Descobrimentos”, em razão de ter cantando em versos as proezas dos portugueses em sua expansão. Em uma das paredes, os visitantes defrontavam-se com a escultura de um grande exemplar de *Os Lusíadas*⁷⁹. Transcrevemos a seguir um trecho extraído do Canto I⁸⁰:

As armas e os barões assinalados
 Que, da Ocidental praia lusitana,
 Por mares nunca de antes navegados
 Passaram ainda além da Taprobana,
 Em perigos e guerras esforçados,
 Mais do que prometia a força humana,
 E entre gente remota edificaram
 Novo reino, que tanto sublimaram;

 E também as memórias gloriosas
 Daqueles Reis que foram dilatando
 A Fé, o Império, e as terras viciosas
 De África e de Ásia andaram devastando,
 E aqueles que por obras valerosas
 Se vão da lei da Morte libertando:
 Cantando espalharei por toda a parte,
 Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

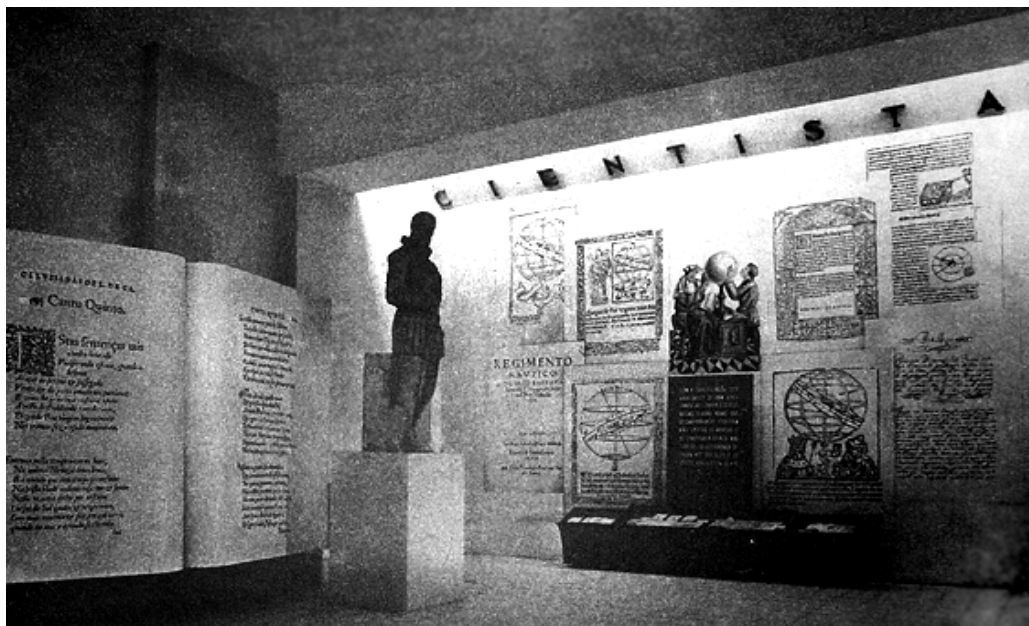


Foto 30 – Camões⁸¹

⁷⁸ Luis de Camões nasceu provavelmente em Lisboa ou Coimbra, em 1525. Foi soldado no Norte da África e um modesto funcionário administrativo no Oriente. A perda de um olho é atribuída a uma luta, que pode ter ocorrido em Ceuta ou Mazagão. Ficou conhecido como o *Príncipe dos Poetas Portugueses*. CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. 5. ed. Lisboa: Publicações Europa-America, 2002. (Coleções Grandes Obras).

⁷⁹ Poema escrito no século XVI por Luis de Camões. A primeira edição deve ter sido de 1572. No poema, Camões narra a história de Portugal e dos descobrimentos portugueses. Por esta razão, na Exposição do Mundo Português, é sempre referido como o poeta dos descobrimentos, com o poema épico *Os Lusíadas*.

⁸⁰ CAMÕES, op. cit., p.19.

⁸¹ MUNDO..., 1956, não paginado.

Grande Esfera representava a engenharia náutica e seu desenvolvimento para permitir um caminho para o mar com equipamentos que dessem segurança aos homens que partiam para descobrir novos mundos. Representava também a ciência e os descobrimentos dos portugueses nas grandes navegações. Durante a apresentação, para os jornalistas, da maquete proposta para a Exposição, o Arquitecto Chefe Cottinelli Telmo descreveu:

– Essa grande Cúpula?

Faz parte de todo este pavilhão, que é o dos «Descobrimentos» e cujo projecto é da autoria do architecto professor Pardal Monteiro. A cúpula conterà no interior uma grande esfera que se moverá e onde serão inscritos as rotas das viagens de navegação dos portugueses⁸².

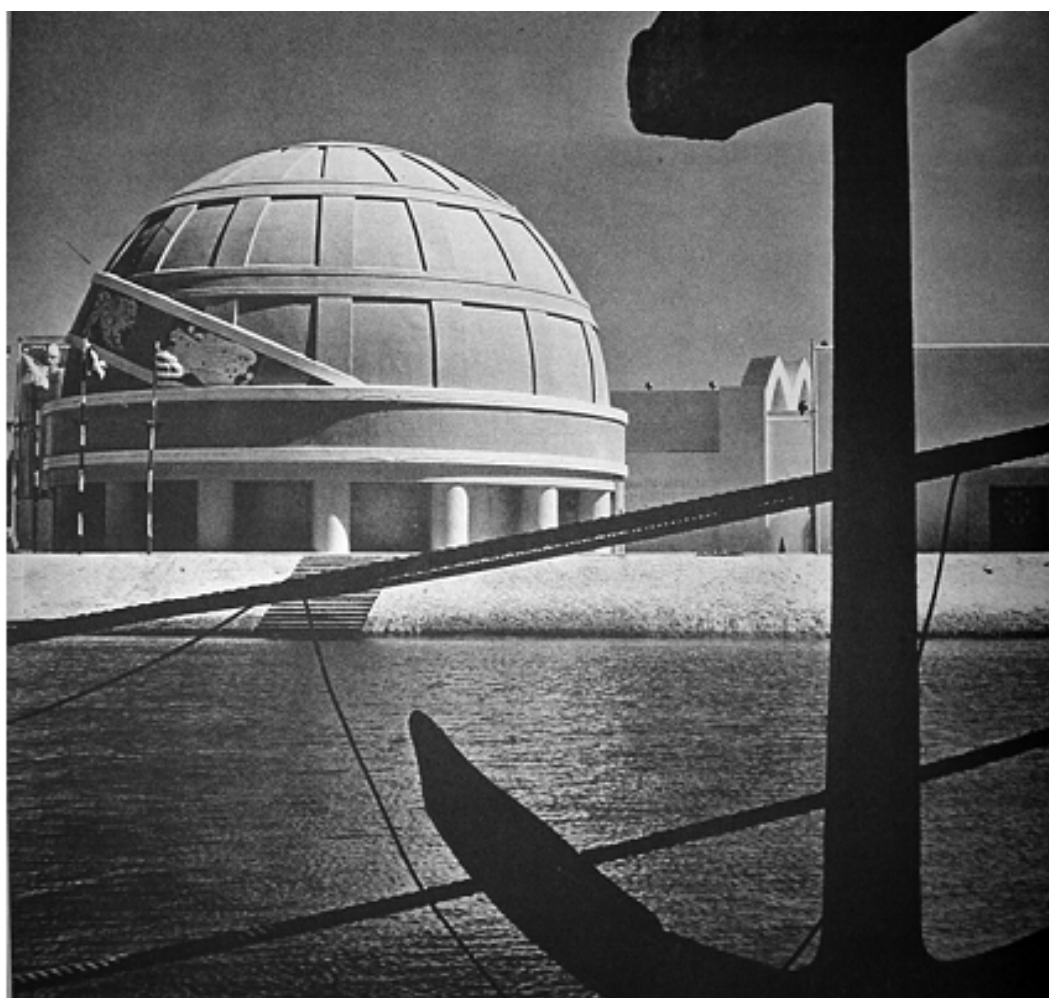


Foto 31 – A Grande Esfera⁸³

⁸² O SÉCULO. *Revista dos Centenários*, Lisboa, n. 6-30, p. 12, 4 jun. 1939. A Exposição do Mundo Português será a afirmação da técnica nacional. Essa referência é um trecho da apresentação da Grande Esfera feita por Cottinelli Telmo.

⁸³ MUNDO..., 1956, não paginado.

A Casa de Santo António⁸⁴, plano e concepção de Gustavo de Matos Sequeira, teve como arquiteto responsável Vasco Morais Palmeiro (Regaleira). Foi um espaço que buscou reconstituição livre da casa onde nasceu Santo António, no século XIII. Possuía quatro compartimentos que apresentavam a vida do Santo, consoante o publicado no Roteiro dos Pavilhões. Destacamos desse Roteiro a representação expositiva do 2º Compartimento “[...] teto abobado; chão lageado; em frente dum arquibanco, está Santo Antonio ajoelhado ante a aparição do Menino Jesus; prende na parede uma cruz de latão; um castiçal com uma tocha apagada e gasta; livros de devoção; um tinteiro; mobiliário da época.”⁸⁵



Foto 32 – Santo Antonio⁸⁶

⁸⁴ Santo Antonio de Lisboa ou de Pádua (Pt 1195-It. 1231), franciscano, é representado com um Menino sobre um livro. Foi beatificado em 1232, em Roma, pelo Papa Gregório IX, e canonizado em 13 de maio de 1232. Na exposição, Santo Antonio representa dois contextos: o religioso, que dava a Portugal um Santo patrício; e o militar — herói simbolicamente intitulado por D. Afonso VI (1656-1683), que viu no Santo a bandeira milagrosa para vencer as forças espanholas. Em 1934, foi promulgado padroeiro de Portugal pelo Papa Pio XI.

⁸⁵ ROTEIRO, 1940, p. 25.

⁸⁶ MUNDO..., 1956, não paginado.

A construção de um barco chamado de *Nau Portugal*, teve o plano e a coordenação de Leitão de Barros, o projeto do Comandante Quirino da Fonseca e do Prof. Martins Barata e a responsabilidade construtiva de Manuel Maria Bolais Mônica:

Era a reconstituição de um galeão português da carreira da Índia (séculos XVII-XVIII), de 1300 toneladas, construído de madeiras portuguesas e brasileiras. A nau, navegável mesmo para rotas oceânicas, tem local para motores e é artilhada com 48 peças fundidas, sob os modelos autênticos, na Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata. Talhas de mestre Abrahão de Carvalho⁸⁷.

De acordo com apresentação no Catálogo da Exposição⁸⁸, o objetivo dessa réplica era representar a viagem ao mundo feita pelos grandes navegadores portugueses: “A exposição do Mundo Português teria ficado incompleta sem este elemento da nossa formação histórica, sem esta expressão viva da nossa admirável intuição de navegadores e de construtores navais [...]”

Para Augusto de Castro⁸⁹, além de seu significado, a Nau era

[...] uma das curiosidades e atracções da Exposição será certamente representada pela reconstituição, nas suas dimensões e na sua admirável decoração, de uma das antigas naus comerciais da Carreira da Índia — trabalho feito sob a direcção histórica e erudita do comandante Quirino da Fonseca e a direcção artística de Leitão de Barros e Martins Barata. Essa nau fundeada no Tejo, na doca da Exposição, será aberta ao público; nela haverá salas de festas, restaurantes [...]

Essa embarcação, inicialmente, foi pensada para permitir aos visitantes uma viagem pelo Tejo, como forma de sentir as sensações de se aventurar ao mar como os navegadores portugueses, mas na primeira tentativa de lançá-la ao mar, quase afundou. Assim, a Nau foi fundeada no Espelho d’Água e amarrada a cabos de aço. Para esclarecer a suspeita sobre a existência de barras de ouro na Nau, encontramos na documentação pesquisada a Acta nº. 84, de 17 de setembro 1940, com as presenças dos senhores Júlio Dantas, Linhares Lima, Antonio Ferro, Augusto de Castro, Reinaldo dos Santos, Silveira e Castro e Arrochela Lobo, Diretor dos Serviços de Exploração da Exposição do Mundo Português, nomeado pela Comissão, uma discussão sobre o assunto, que registra a seguinte decisão: “Sobre a Nau foi decidido fazer cópia das barras em sigilo e tirar o ouro verdadeiro.”

Nesse momento, é oportuno lembrar a situação semelhante ocorrida quando das Comemorações dos 500 anos dos Descobrimentos, em 2000, no Brasil. Nessa ocasião foi

⁸⁷ GUIA..., 1940, p. 12.

⁸⁸ MUNDO..., 1956, não paginado.

⁸⁹ CASTRO, 1940a, p. 24-25.

construída uma Nau Capitania, símbolo do meio de transporte que permitiu Portugal avançar pelo mar em busca de novos mundos, e ocorreu, como na Nau Capitania de 1940:

Uma sucessão de falhas técnicas — falta de lastro, mau dimensionamento do mastro e falha no motor levou ao fracasso uma das maiores atrações das comemorações dos 500 anos do descobrimento. A réplica da embarcação⁹⁰ que trouxe Pedro Álvares Cabral ao Brasil não conseguiu navegar até Porto Seguro. O Ministério Público e o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Crea) da Bahia ainda apuram irregularidades na construção da Nau Capitânia. Após novas tentativas frustradas na navegação, a nau ganhou outro destino: servirá, a partir de maio próximo, de cenário do filme *Desmundo*, uma co-produção entre Brasil e Portugal⁹¹.

Retornando ao assunto da Nau portuguesa, na reunião registrada na Acta 85, realizada no dia 24 de setembro 1940, às 18 horas, com as presenças dos senhores Júlio Dantas, Linhares Lima, Antonio Ferro, Augusto de Castro, Reinaldo dos Santos, Silveira e Castro, o senhor Antonio Ferro informa aos presentes: “[...] o ouro e valores do Banco de Portugal que se encontram na Nau estão assegurados”. E os problemas com a Nau continuaram. Após pesquisa para tentar compreender as razões das suposições sobre o uso da embarcação para “esconder” o ouro e outras estórias relacionadas a essa estrutura expositiva, foi possível encontrar que, de fato, ocorreu no interior da Nau uma exposição intitulada *A Exposição do Ouro Português*, inaugurada no dia 7 de setembro, sendo registrado no artigo de Pedro Batalha Reis⁹²: “[...] o local destinado por Leitão de Barros para a Exposição do Ouro a bordo da sua lindíssima Nau, foi a «Câmara do Comandante» no castelo da popa. Aí se dispuseram em volta da sala oito arcas que deveriam receber as moedas.”

Sobre a procedência das peças expostas no interior da Nau, que apresentavam as coleções de moedas de períodos relativos ao d’El-Rei D. Luis⁹³, Época Medieval, Época dos Descobrimentos, Restauração, D. João V⁹⁴, Séculos XVIII e XIX, Coleções de Antonio Marrocos, e também sobre os acervos que pertenciam ao Banco de Portugal, Pedro Reis⁹⁵ esclarece:

⁹⁰ Para a confecção da Nau, foi contratada a empresa Marenostrom, pelo Clube Naval do Rio de Janeiro e o Instituto Memorabilia. *NAU Capitânia: problemas técnicos e judiciais*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/501anos/br01.htm>> Acesso em: 21 nov. 2007.

⁹¹ NAU..., 2007, p. 1.

⁹² REIS, Pedro Batalha. A exposição do ouro a bordo da Nau Portugal. *Revista Municipal*, Lisboa, n. 28, 1º e 2º trimestre, p.18-22, 1940, p.18.

⁹³ D. Luís (1838-1889), denominado de *O Popular* em razão de ser adorado pelo povo português, foi o 32º rei de Portugal, de 1861 a 1889. Era apaixonado pela oceanografia; investiu em projetos de pesquisa na área e na construção de embarcações. No seu reinado foi abolida a escravatura e a pena capital. WIKIPEDIA..., 2007.

⁹⁴ D. João V (1689-1750), 24º rei de Portugal de 1707 a 1750, foi denominado de *O Magnânimo*, em razão do luxo de seu reinado. A Real Academia Portuguesa de História foi criada nesse período. *Ibidem*.

⁹⁵ REIS, op. cit., p. 18.

[...] estão os particulares que muito amavelmente se prontificaram a ceder as suas colecções: os banqueiros José Carneiro e Antonio Jacinto de Almeida (colecções apresentadas como da Firma Almeida,Ltdª), o proprietário António Marrocos (de Idanha-a-Velha), e a Direcção do Banco de Portugal.

No Guia da Exposição⁹⁶ consta ainda:

[...] no interior da nave, em ambiente da época, figuram a Exposição do Ouro, sob auspício do Banco de Portugal, com espécimes numismáticos de setecentos; mostruários do Instituto do Vinho do Porto, da Companhia dos Diamantes, da Companhia Colonial de Navegação, etc. Na coberta principal, a Ala dos Mercadores; no castelo de proa, o restaurante; nos porões, adegas de vinhos regionais. No terceiro pavimento, a Casa da Capitania.

O espelho d'água que abrigava a Nau foi idealizado pelo arquiteto António Lino e construído entre o Tejo e a Avenida da Índia. O nome era uma referência a sua forma, e em virtude da construção que resultou na criação de um grande lago, que dava a impressão de espelho. No meio desse espelho d'água foi instalado um Restaurante, a Casa de Chá e, nas laterais, pavilhões para Cervejaria, Gelados e Café e ainda o teatro das atrações náuticas.

O Pavilhão da Colonização, que teve como diretor responsável Júlio Cayola e como arquiteto Carlos Ramos, possuía na parte externa, sobre a porta de entrada, dois baixos-relevos representando a Fé e o Império. De acordo com o Catálogo Mundo Português⁹⁷, esse espaço era

[...] obra gloriosa da Colonização, numa larga visão decorativa, conteve-se neste Pavilhão, numa série de imagens, de legendas e de evocações da obra tenaz, vigorosa e magnífica da nossa dilatação política, económica e militar, desde o período inicial dos Descobrimentos até o cumprimento dos oitocentos anos da nacionalidade, a epopéia da colonização teve de seguir paralelamente a marcha da obra desvendadora do mundo moderno.

O discurso expositivo apresentado sobre a colonização no espaço da exposição possuía um total de 12 salas, que trabalhavam os documentos relacionados com as seguintes temáticas: Sala dos Antecedentes⁹⁸, Sala da Organização do Estado Colonizador⁹⁹, Sala da África¹⁰⁰, Sala Oriente¹⁰¹, Sala da Política de limites e ocupação¹⁰², Sala da Política

⁹⁶ GUIA..., 1940, p. 23

⁹⁷ MUNDO..., 1956, não paginado.

⁹⁸ A exposição, nessa sala era composta por seis quadros que narravam o aspecto económico do Mundo no século XV na Europa, a ocupação do litoral português, as novas rotas marítimas para o Oriente, a política de expansão marítima, a fixação dos portugueses em Marrocos e a expansão marítima no Atlântico.

⁹⁹ Sala com uma exposição que representava as descobertas das terras africanas, as feitorias para a fixação mercantil e militar dos portugueses.

¹⁰⁰ Pinturas que representavam as grandes explorações no continente africano no século XV, desenvolvidas pelos portugueses.

¹⁰¹ Documentos e pinturas que retratavam o período da dominação portuguesa, com reprodução de retratos dos vices-reis: D. Francisco de Almeida, Afonso de Albuquerque, Vasco da Gama, entre outros.

¹⁰² Nessa sala apresentavam-se os resultados da determinação dos limites impostos aos colonizadores, no que diz respeito às obrigações e ocupações, com base nos tratados e demarcações.

Administrativa (1ª Secção), Sala da Política Administrativa (2ª Secção), Sala da Política Administrativa (3ª Secção)¹⁰³, Sala da Política Indígena¹⁰⁴, Sala «A Fé e o Império»¹⁰⁵, Sala do Panorama atual da Colonização Portuguesa¹⁰⁶ e a Sala da Síntese¹⁰⁷.

No Boletim das Colónias¹⁰⁸ há uma referência sobre a representação do Brasil na Sala da Política Indígena, em um baixo relevo:

O que tudo se significa do modo que seguem: Ao fundo: baixo relevo evocando três momentos fundamentais: 1º- Oriente: (Entrega do foral¹⁰⁹ de Afonso Mexia 1526) 2º- África: (A conversão do rei do Congo) 3º- Brasil: (A corporação dos elementos raciais na expulsão dos holandeses) [...]

Um assunto comentado foi a escassa referência à colonização do Brasil nesse Pavilhão, o que obrigou a uma justificativa do diretor Julio Caiola, em um roteiro preparado para servir de guia aos visitantes, no caso específico desse prédio. Assim, informava que as poucas referências ao Brasil, na temática do Pavilhão da Colonização, decorriam do fato de o país ter dois Pavilhões:

Maior que fôsse o espaço do Pavilhão, teria de procurar-se propositadamente evitar largas referencias ao Brasil. É que o País irmão, ao qual nos ligam laços espirituais de sentimento indestrutíveis, conta na exposição Histórica do Mundo Português, por direito próprio, pavilhão privativo, tendo-lhe sido ainda entregue a representação do Brasil Colonial¹¹⁰.

E segue o Diretor do Pavilhão da Colonização e Agente Geral das Colônias, no discurso de inauguração, com mais um registro da representação do Brasil:

Mas é que êsse país tão querido tem, por direito indiscutível, pavilhão próprio e foilhe ainda entregue a representação do Brasil colonial. Mal ficaria que o pai que o criou, estremece e estremecerá eternamente, não deixasse que o filho, que constituiu casa, pelo poder de Deus, que permitiu que o pai, desde tamaninho lhe transmitisse qualidades e virtudes, para tanto, não o deixasse nesta hora boa da vida em que comemora oito séculos de historia, recordar a vontade o tempo em que cresceu e fortificou até se emancipar, continuando o mesmo progressivo destino¹¹¹.

¹⁰³ Árvores alegóricas buscavam apresentar os administradores do Império, a ocupação e colonização das ilhas até 1940, com gráficos que expunham dados das melhorias ocorridas nas colônias do Império Português.

¹⁰⁴ Esta sala possuía um baixo relevo apresentando três momentos o Oriente, África e Brasil. Para o Brasil, foi feita uma representação da cooperação das três raças para a expulsão dos holandeses.

¹⁰⁵ Sala com pinturas murais inspiradas na *Vita Cristi*.

¹⁰⁶ Sala com fotomontagem da ação político-administrativa de Portugal no Império Ultramarino.

¹⁰⁷ Sala que pretendia realizar um fechamento de tudo que foi visto nas salas anteriores do Pavilhão da Colonização, com a apresentação da Pátria predestinada, uma obra de expansão no passado e no presente.

¹⁰⁸ CASTRO, 1941, p. 208.

¹⁰⁹ “Diploma emanado do rei ou de um senhor feudal, que estabelecia um conjunto de direitos e de regras pelas quais se devia reger a vida dos habitantes de determinado lugar.” ALMEIDA, 1996, p. 94.

¹¹⁰ CASTRO, op. cit., p. 223-224.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 230.

Esse espaço expositivo utilizava-se de imagens que representavam a epopéia da colonização realizada por Portugal no Mundo de ontem, o passado e, principalmente, o mais importante, o Império Português no Portugal de hoje, o presente. Isto é, o Império Colonial — o “Novo Brasil” — na África. Nesse Pavilhão foi sempre enfatizada a capacidade do gênio português de realizar a colonização num clima de *adaptação* e *assimilação*¹¹² que permitiram sua expansão no mundo. No ato solene de abertura do Congresso Colonial¹¹³, o Ministro das Colônias, Henrique Galvão¹¹⁴, em seu discurso, registra:

[...] a realização dum congresso colonial em Lisboa, quando na Europa em fogo, muitos crêem se está forjando uma era nova. Manifesta a serenidade confiante com que enfrentamos o futuro e a vontade de continuar a dar o nosso contributo, cada vez mais esclarecido e eficiente, para o progresso das populações mais atrasadas de que a Providencia nos confiou a missão civilizadora.

A relevância desses registros decorre da situação em que se encontrava a Europa — em guerra, com disputas de fronteiras e a subordinação dos povos a processos políticos autoritários. Em contrapartida, nos discursos em Portugal, sempre estava registrado e apresentado o país que em sua história possuía os exemplos e métodos do passado e do presente, como prova de excelência e humanidade com outros povos submetidos.

O Comissário Geral da Exposição do Mundo Português, Augusto de Castro¹¹⁵, em seu discurso realizado durante a inauguração do referido Pavilhão, chamou a atenção sobre a importância do processo de colonização portuguesa para a história do mundo. Em sua avaliação, a colonização foi possível pela qualidade e capacidade dos portugueses para fazerem as descobertas e colonizações de novos mundos. O Comissário acrescenta ainda:

O gênio português não desvendou apenas mundos — o que seria já imenso: formou-se, moldou-os, educou-os, soube preservá-los, nacionaliza-los, defendê-los. Soube exercer até ao fim a sua missão paternal: não soube sómente criar, soube desbravar, fundar, transfundir sangue e alma. Os Descobrimientos são o clarão épico, a aurora marítima, o grande ciclo científico da nossa Expansão Universal. Mas a colonização é o Império e representa a grande prova política — aquela que nesta hora podemos com mais orgulho e significação proclamar — duma capacidade nacional sem

¹¹² Essas são duas expressões usadas na época para apresentar a colonização portuguesa como uma ação pacífica e sem grandes traumas para os colonizados.

¹¹³ O Congresso Colonial foi aberto no dia 11 de novembro de 1940, realizado na Sociedade de Geografia de Lisboa.

¹¹⁴ GALVÃO, Henrique. Inauguração do Congresso Colonial. *Diário de Notícias*, Lisboa, ano 76, n. 26.852, p. 4-5, 12 nov. 1940. p. 5.

¹¹⁵ CASTRO, 1940a.

paralelo e, nas condições em que se produziu, em que se estendeu e consolidou através de tôdas as grandes artérias do Globo, numa permanente acção de paz, de assimilação moral e de consciência cívica, um facto sem precedentes na história do ideal humano¹¹⁶.

Para transmitir aos visitantes esse entendimento sobre a acção da colonização portuguesa, os artistas utilizaram a poesia como um recurso expositivo, porque possibilitava, de uma forma plástica, a apresentação da história e a exaltação da capacidade do povo português colonizador de novos mundos, contada em prosa e versos. Assim, em determinadas salas da exposição, como já dito, foram colocados trechos de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. O uso de trechos do poema de Camões, em vários momentos da exposição, tinha por objetivo chamar os portugueses para sua própria obra. Foram destacados versos que tinham por conteúdo episódios referidos na exposição do pavilhão, como o apresentado a seguir:

Vós, Portugueses, poucos quantos fortes
 Que o fraco poder vosso não pesais;
 Vós, que, à custa de vossas várias mortes
 A Lei da vida eterna dilatais:
 Assim do céu deitadas são as sortes
 Que vós, por muito poucos que sejais
 Muito façais na Santa Cristandade
 Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade¹¹⁷.

E não era só pela palavra que os espaços iam sendo construídos para contar a história da Colonização para os visitantes, mas, e principalmente, com a representação plástica que podia ser vista nas salas, por meio de documentos como mapas, globos, detalhe de uma pintura mural. Algumas destas obras encontravam-se no Museu de Arte Antiga, como o rosto do Infante D. Henrique e desenhos dos navegadores Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque. Baixos-relevos com a representação da “política indígena”¹¹⁸, formado por três painéis com a representação dos colonizados Índia, Brasil e África, com a seguinte legenda:

¹¹⁶ CASTRO, 1940a, p.107.

¹¹⁷ CAMÕES, 2002, p. 19.

¹¹⁸ Esta expressão consta nos documentos que tratavam dos povos das colônias africanas no Estado Novo português.

No Oriente, a entrega do Floral de Afonso Mexia, em 1526, na África, a conversão do Rei do Congo. No Brasil, a cooperação dos elementos raciais na expulsão dos holandeses, com as figuras de João Fernandes Vieira¹¹⁹ e de André Vidal de Negreiros¹²⁰, três momentos fundamentais e determinantes dessa política ordenada e consciente, cuja linha evolutiva se marcou com a mesma inteligência até à hora presente¹²¹.

O Padrão dos Descobrimentos, “*a gesta portuguesa rasgando o mar*”¹²², era de autoria do arquiteto-chefe da Exposição do Mundo Português, José Ângelo Cottinelli Telmo, e a parte escultural ficou sob a responsabilidade do Prof. Leopoldo Neves de Almeida.

Há uma história sobre o surgimento da idéia de criação desse monumento que deve ser registrada, porque, inicialmente, ele não estava esboçado para ser construído. Durante a apresentação do Projeto-Modelo da Exposição, Leitão de Barros, ao sair com o Ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, questionou a ausência de uma construção que desse a idéia de movimento ou de partida na proposta da Exposição. Segundo Leitão de Barros, em seu diálogo com o Ministro:

– Acho que é uma «Exposição dos Portugueses no Mundo», que foram ao Mundo inteiro. Tem muitos palácios, muitos pavilhões parados, muitas relíquias [...] Mas falta-lhe o sentido de PARTIDA! É estática, vertical, terrestre. Ao contrário, eu queria alguma coisa que desse a sensação de deslocação, de movimento de arranque para a Aventura. Mais Dom Henrique — e menos o seu homónimo «Dom Duarte»¹²³.

¹¹⁹ Nasceu em Funchal (1613) e faleceu em Olinda, em 1681. Foi um dos mais destacados chefes militares nas lutas pela expulsão dos holandeses de Pernambuco. Acredita-se que chegou a Pernambuco em 1620. Era filho de escrava africana. Foi nomeado governador e capitão-geral da Capitania da Paraíba (1655-1571) e de Angola (1658-1661).

¹²⁰ Nasceu na Capitania da Paraíba, em 1620, e faleceu em Goiana, em 1680. Foi militar e governador colonial brasileiro a serviço de Portugal. Lutou contra os holandeses na invasão de Salvador (1624) e na Insurreição Pernambucana (1645-1654).

¹²¹ MUNDO..., 1956, não paginado.

¹²² Expressão usada no artigo O PADRÃO dos descobrimentos - a gesta portuguesa rasgando o mar. *Revista Municipal*, Lisboa, ano 46, 2. série, n.13, p. 42. 3. trim. 1985. p. 42. Padrão era uma espécie de marco que os portugueses colocavam nas terras recém descobertas para defini-las como território de Portugal

¹²³ O PADRÃO..., 1985. p. 42.